NOVA CONTRIBUIÇÃO AO CONHECIMENTO DOS MAMÍFEROS DO RIO JURUÁ

por

CARLOS O. C. VIEIRA
(Do Dep. de Zoologia da Secretaria da Agricultura de São Paulo)

A primeira exploração científica do alto Juruá, foi feita durante os anos de 1901 e 1902 pelo naturalista Ernesto Garbe, então contratado como colecionador de material zoológico para o Museu Paulista.

No copioso material obtido, Hermann von Ihering constatou 197 couros de mamíferos representando 50 espécies, das quais algumas até então nunca verificadas no Brasil. (1)

A região visitada por Garbe foi a da então povoação de São Felipe, hoje João Pessôa, onde fez centro de operações, colecionando rio abaixo, em ambas as margens, até a foz do rio Chiruã, onde se demorou cerca de três meses.

Em 1939, o Departamento de Zoologia, então recem-criado, adquiriu do naturalista colecionador sr. Alfonso M. Olallà parte da grande coleção de crânios de mamíferos por este obtida no alto do Juruá durante os meses de julho de 1936 a fevereiro de 1937, mais ou menos nas mesmas zonas já exploradas por Garbe. (2)

O outro lote foi adquirido pelo Museu de Estocolmo, na Suécia, onde foi objeto de minucioso estudo por Einar Lönnberg que, nos volumes 30 a 33 do "Arkiv för Zoologi" do mesmo Museu (1939 a 1942), publicou diversas contribuições sôbre símios e desdentados amazônicos, descrevendo 5 novas formas provenientes do alto Juruá.

(1) H. von Ihering, O rio Juruá, Revista do Museu Paulista, tomo VI, 1904, pg. 385.

(2) Na Revista do Museu Paulista, vol. XXIII, 1938, pg. 235, publicou Alfonso Olalla um minucioso relato de sua viagem no qual insere interessantes observações sobre os mamíferos da região, principalmente símios.

SciELO

A coleção Olalla adquirida pelo Departamento de Zoologia, não estudada até aqui, constituirá objeto do presente trabalho, utilizando-se para comparação o velho material obtido por Garbe. Compõe-se ela de 265 couros cheios e abertos, quase todos com os respectivos crânios, representando 9 ordens e 40 formas, assim distribuidas: 10 primatas, 6 quirópteros, 5 carnívoros, 5 roedores, 2 artiodáctilos, 1 sirênio, 1 cetáceo, 3 xenartros e 1 marsupial.

Lista das espécies e subespécies

PRIMATAS

Alouatta seniculus juara Elliot
Ateles paniscus chamek (Humboldt)
Cebus fatuellus peruanus Thomas
Cebus gracilis Spix
Lagothrix ubericola Elliot
Pithecia monacha E. Geoffroy
Cacajao rubicundus rubicundus (I. Geoffroy)
Aotus infulatus (Kuhl)
Saimiri boliviensis pluvialis Lönnberg
Saimiri madeirae juruanus Lönnberg
Callicebus cupreus cupreus (Spix)
Callithrix melanoleuca (Miranda Ribeiro)
Tamarin mystax (Spix)
Tamarin fuscicollis (Spix)
Tamarin imperator subgrisescens (Lönnberg)

QUIRÓPTEROS

Rhynchiscus naso (Wied)
Noctilio leporinus leporinus (Linnaeus)
Hemiderma perspicillatum (Linnaeus)
Eumops perotis trumbulli (Thomas)
Molossus obscurus E. Geoffroy
Molossus rufus E. Geoffroy

CARNÍVOROS

Nasua nasua juruana Ihering
Atelocynus microtis (Sclater)
Tayra barbara madeirensis Lönnberg
Pteronura brasiliensis brasiliensis (Zimmermann)
Lutra mitis Thomas

ROEDORES

Cuniculus paca paca (Linnaeus)
Dasyprocta fuliginosa fuliginosa Wagler

SciELO

Myoprocta pratti puralis Thomas
Isothrix bistriatus bistriatus Wagner
Hadrosciurus pyrrhonotus juralis (Thomas)
Microsciurus manarius (Thomas)

ARTIODÁCTILOS

Tayassu pecari pecari (Fischer)
Tayassu tajacu tajacu (Linnaeus)

XENARTROS

Bradypus infuscatus Wagler
Choloepus juruanus Lönnberg
Tamandua tetradactyla longicaudata (Wagner)

SIRÊNIOS

Trichechus inunguis (Natterer)

CETÁCEOS

Inia geoffroyensis Blainville

MARSUPIAIS

Caluromys laniger ochropus (Wagner)

Como se vê, predominam na coleção os primatas e os quirópteros, o mesmo se verificando com o material de Garbe, onde figuram 16 espécies de primatas e 12 de quirópteros, num total de 50 espécies representadas nas coleções.

Explica-se fàcilmente essa desproporção considerando-se que são os morcegos, e principalmente os macacos, os mamíferos mais encontradiços e fáceis de serem caçados naquela zona essencialmente florestal.

Quanto às outras ordens, há uma certa correlação com a coleção de Garbe, que se compunha de 2 carnívoros, 10 roedores, 1 sirênio, 1 artiodactilo, 4 xenartros e 2 marsupiais.

PRIMATAS

Família CEBIDAE

Alouatta seniculus juara Elliot

Nome local: "Guariba vermelho"

Alouatta juara Elliot, 1910, Annals and Magazine of Natural History, serie 8, vol. 5, pg. 80. Localidade típica: Rio Juruá, alto Amazonas, Brasil.

SciELO

Alouatta seniculus H. von Ihering, 1904, Revista do Museu Paulista, vol. VI, pg. 408; idem, 1914, Revista do Museu Paulista, vol. IX, pg. 252.

Alouatta seniculus juruana Lönnberg, 1941, Arkiv for Zoologi, vol. 33A, n.º 10, pg. 18 (Rio Juruá).

Alouatta seniculus juara Eládio Lima, 1944, Mamíferos da Amazônia, vol. I, Primatas, pg. 77.

7 ♂♂ e 6 ♀♀ de João Pessoa e Santa Cruz, rio Eirú, afluente do Juruá; outubro e novembro de 1936.

Garbe coletou 10 exemplares em localidades não exatamente designadas e os 13 exemplares do Museu de Estocolmo são provenientes de João Pessoa, Igarapé Grande, Santo Antonio e Lago Grande.

Colorido geral castanho queimado, mais escuro na cabeça, barbas, membros e base da cauda.

Como *Alouatta seniculus seniculus* (Linnaeus) do rio Solimões, são estes guaribas tambem sujeitos a grandes variações, independentes sexo e idade.

Os exemplares de ns. 5527 e 5535, ♂♂ adultos provenientes de João Pessoa e Santa Cruz, são de coloração uniformemente castanho muito escuro, diferindo dos demais ♂♂ adultos das mesmas localidades, que teem coloração muito mais intensa, principalmente ao longo do dorso, onde tende a apresentar-se bruno-avermelhado.

Ihering (Revista do Museu Paulista, vol. IX, 1914, pg. 252), não admitiu a nova espécie *Alouatta juara* descrita por Elliot em 1910 (Ann. Mag. Nat. History, serie 8, vol. 5, pg. 80) e baseada em material erradamente rotulado com o nome de rio Juara, pois não tendo material amazônico suficiente para comparação, não achou diferenças apreciaveis entre esses guaribas e os do norte do Solimões.

Lönnberg, em 1940 (Arkiv för Zoologi, vol. 33A, n.º 10, pg. 18), tambem não considera válida a espécie de Elliot, por não ter este mencionado um único caráter que diferencie sua nova espécie de quaisquer dos guaribas vermelhos do norte do Amazonas.

Baseando-se principalmente na comparação de medidas cranianas, Lönnberg descreveu no mesmo trabalho uma nova sub-espécie *Alouatta seniculus juruana* com os mesmos caracteristicos de colorido da espécie de Elliot.

Eládio Lima (Mamiferos da Amazonia, vol. I, Primatas, pg. 64) considerou válida essa forma do Juruá, colocando *Alouatta juruana* Lönnberg como sinônima de *Alouatta juara* Elliot.

Nenhuma pele ou crânio de *Alouatta seniculus seniculus* (Linnaeus) possuindo nossas coleções, aceitamos esta raça do rio Juruá, tomando por base únicamente as comparações de Eládio Lima.

SciELO

Ateles paniscus chamek (Humboldt)

Nome local: "Coatá"

Simia chamek Humboldt, 1812, Recueil d'Observations de Zoologie et d'Anatomie Comparée, vol. I, pg. 353. Localidade típica: Perú (restrita por Kellog e Goldmann, 1944, ao rio Cunbercito, Perú).

Ateles paniscus H. von Ihering, 1904, Revista do Museu Paulista, vol. VI, pg. 409 (rio Juruá).

Ateles ater Miranda Ribeiro, 1914, Comissão de Linhas Telegráficas Mato Grosso ao Amazonas, anexo 5, Zoologia, pg. 10 (rio Piroculuina, norte de Mato Grosso); Lönnberg, 1940, Arkiv for Zoologi, band 32A, n.° 25, pg. 8 (Jaburú, rio Purús; João Pessoa, Lago Grande, Santo Antonio, rio Juruá; rio Beni, Bolívia).

Ateles longimembris J. A. Allen, 1914, Bull. Amer. Museum Nat. History, vol. 33, pg. 651 (rio Gi-Paraná. Mato Grosso).

Ateles paniscus longimembris Eládio Lima, 1944, Mamíferos da Amazônia, vol. I, Primatas, pg. 127.

Ateles paniscus chamek Kellog e Goldmann, 1944, Review of the Spider Monkeys; Proceed. Unit. States Nat. Museum, vol. 46, pg. 17 (Perú e Bolivia).

3 ♂ ♂ e 1 ♀ de Santa Cruz e João Pessoa, novembro de 1936.

O gênero *Ateles*, como quase todos os outros gêneros de símios neo-trópicos, tem dado lugar à inúmeras controvérsias quanto ao número de espécies, sub-espécies e respectivas distribuições geográficas.

As descrições imperfeitas e inadequadas de autores antigos, assim como localizações errôneas de espécies existentes nos museus estrangeiros, deu em resultado a catalogação de grande número de espécies, hoje reduzidas apenas a quatro, das quais se derivam uma dezena de sub-espécies distribuidas desde o sul do México ao norte de Mato-Grosso.

Este "coatá" do rio Juruá pode ser tomado como exemplo da confusão reinante na sistematização deste gênero.

Ihering nenhuma diferença notou entre os 5 exemplares obtidos por Garbe e o comum *Ateles paniscus* (Linnaeus) de face vermelha, peculiar ao baixo Amazonas, pois não possuia material amazônico para comparação. (1)

J. A. Allen, na coleção de mamíferos obtida pela expedição Roosevelt em 1913 ao norte de Mato Grosso e Amazonas, encontrou um coatá de face inteiramente negra que denominou *Ateles longimembris*. (2)

(1) Revista do Museu Paulista, vol. VI, pg. 409.
(2) Bulletin of American Museum of Natural History, 1914, vol. 33, p. 651.

SciELO

Miranda Ribeiro, em 1914, tambem considerou os exemplares do norte de Mato Grosso (rios Jaurú e Piroculuina) como *Ateles paniscus*, considerando esse colorido diferente da face como mera variação individual. (2)

Lönnberg, em 1940, identificou os exemplares de sua coleção provenientes do Juruá como *Ateles ater* Cuvier, considerado por Eládio Lima como simples sinônimo de *Ateles paniscus*, pois a descrição de Cuvier é baseada num exemplar jovem proveniente da Guiana Francesa e, como é notório, os exemplares ainda imaturos teem a pele do rosto enegrecida.

Eládio Lima considerou-os como sub-espécie de *paniscus*, identificando-os com o *longimembris* de Allen.

Kellog e Goldmann em recente revisão do gênero *Ateles*, identificaram estes coatás de face negra com o *Simia chamek* de Humboldt, considerado por Elliot e outros como sinônimo de *Simia paniscus* Linnaeus (3)

Sua distribuição seria oeste de Mato Grosso, leste da Bolivia, nordeste do Perú até o Solimões e rio Juruá no estado do Amazonas.

Parece ser abundante em ambas as margens do Juruá e ao norte de Mato Grosso, e são notaveis pelas dimensões da cauda, que às vezes excede o dobro do comprimento da cabeça e do corpo. Coloração inteiramente negra de carvão, pelame áspero, pêlos da fronte formando um estreito capacete; face inteiramente nua, toda negra, no que difere de *A. paniscus paniscus*, do baixo Amazonas, que a tem cor de carne.

Estes quatro exemplares apresentam os pêlos da cauda muito mais curtos que os de *paniscus* procedentes do Tapajós, Pará e as mãos sem nenhum rudimento de polegar.

Lagothrix ubericola Elliot

Nome local: "Barrigudo"

Lagothrix ubericola Elliot, 1909, Annals and Magazine of Natural History serie 8, vol. 4, pg. 426. Localidade típica: rio Juruá, Amazonas.

Lagothrix infumata H. von Ihering, 1904, Revista do Museu Paulista, vol. VI, pg. 410 (rio Juruá).

Lagothrix ubericola Eládio Lima, 1944, Mamíferos da Amazonia, vol. I, Primatas, pg. 111 (Iquitos, Perú).

2 ♀ ♀ de Igarapé Grande, rio Juruá, janeiro de 1937.

Garbe colecionou 10 exemplares de barrigudos no rio Juruá,

(2) Comissão de Linhas Telegráficas e Estratégicas Mato Grosso ao Amazonas, Anexo 5, Zoologia, pg. 10.

(3) Proceedings American Museum Natural History, 1944, vol. 96, pg. 17.

SciELO

dos quais 8 foram determinados como *Lagothrix lagotricha* por Ihering e 2, de cor bruno-escura, como *Lagothrix infumata* (Spix).

Não tendo certeza de sua identificação, Ihering enviou-os ao Museu Britanico onde, mais tarde, provàvelmente, um deles serviu como tipo para a descrição de *Lagothrix ubericola* de Elliot.

Destes exemplares de Igarapé Grande, um concorda com a descrição de Elliot: coloração geral do corpo pardo-clara; cabeça, membros e cauda, trigueiro escuro; já o outro apresenta a região da nuca até o lombo muito mais pálida. Essas variações individuais foram tambem observadas por E. Lima em seus exemplares provenientes do Amazonas peruano.

Seu tamanho iguala ao de *Lagothrix lagotricha* (Humboldt) que tambem ocorre no Juruá.

As medidas tomadas pelo colecionador são as seguintes: n.º 5533 ♀; comprimento total 1120 mm; cauda 670; pé posterior 150; n.º 5536 ♀, comprimento total 1160 mm; cauda 720; pé posterior 150.

Cebus fatuellus peruanus Thomas

Nome local: "Macaco prego"

Cebus fatuellus peruanus Thomas, 1901, Annals and Magazine of Natural History, série 7, vol. 7, pg. 178. Localidade típica: Marcapata, rio Inambari, Perú.

Cebus macrocephalus H. von Ihering, 1904, Revista do Museu Paulista, vol. VI, pg. 410 (rio Juruá).

Cebus fatuellus peruanus Lönnberg, 1939, Arkiv for Zoologi, band 31A, n.º 23, pg. 9 (Lago Grande, rio Juruá); Eládio Lima, 1944, Mamíferos da Amazônia, vol. I, Primatas, pg. 147.

5 ♂♂ e 5 ♀♀ de Santa Cruz; 1 ♀ de Igarapé Grande; 1 ♂ de João Pessoa, rio Juruá; outubro e novembro de 1936.

Difere de *Cebus fatuellus macrocephalus* Spix que ocorre do Purus até o baixo Tapajós e do qual examinamos grande número de exemplares, em ter os braços da mesmo cor do corpo, em vez de ter neles uma grande mancha amarelada.

Coloração geral do corpo uniformemente pardo castanho escuro, com os flancos mais ou menos arruivados.

Capacete negro da cabeça com pêlos mais curtos e prolongando-se bastante para a nuca; pernas, mãos, pés e cauda, quase negros.

A coloração é variavel com a idade, os exemplares mais jovens como o de n.º 5318 ♂, de Santa Cruz é uniformemente arruivado.

Crânios dos ♂♂ providos de forte crista sagital e com o comprimento máximo de 105 mm.

SciELO

Ihering, tratando dos exemplares caçados por Garbe e por ele determinados como *macrocephalus*, afirma ser *Cebus fatuellus* peculiar ao interior do Brasil, ocorrendo desde Minas e Paraguai até o Perú e Colombia.

Provàvelmente confundia esta espécie com *Cebus libidinosus* Spix pois o típico *Cebus fatuellus* de Lineu da Colômbia, até agora não foi constatado em território brasileiro.

Cebus gracilis Spix

Nome local: "Caiarara"

Cebus gracilis Spix, 1823, Simiarum et Vespertilionum Brasiliensium species novae, pg. 8, pr. 5. Localidade típica: Tefé, Amazonas.

Cebus albifrons H. von Ihering, 1904, Revista do Museu Paulista, vol. VI, pg. 411 (rio Juruá).

Cebus gracilis Eládio Lima, 1944, Mamíferos da Amazônia, vol. I, Primatas, pg. 149; Lönnberg, 1939, Arkiv for Zoologi, band 31A, n.º 23, pg. 17 (Codajaz, Patinga, Iroçanga, rio Tapajós; Jaburú, rio Purús; Igarapé do Gordão, João Pessoa, Santo Antônio, Lago Grande, rio Juruá).

6 ♂♂ e 6 ♀♀ de Santa Cruz; 1 ♂ e 1 ♀ de João Pessoa, rio Juruá, outubro e novembro de 1936.

Apresenta este símio coloração geral fulvo-pardacenta, muito mais escura no meio do dorso. Alto da cabeça bruno-escura, de intensidade variavel com a idade; faces, garganta, peito, mãos e pés, amarelo-esbranquiçados; ventre branco-amarelado; cauda fulva na base, tornando-se amarelada para a extremidade.

Essa coloração está sujeita a variações individuais ou devidos à idade. Assim, os exemplares de ns. 5463 ♂ e 5673 ♀, ambos de Santa Cruz, mostram colorido pardacento mais carregado quase uniforme nas partes superiores. Quatro exemplares mais jovens apresentam coloração mais dourada.

Esta espécie foi confundida e considerada sinônima de *Cebus albifrons* (Humboldt) por Goeldi e Hagmann (1), mas Eládio Lima, baseado em Cabrera (2), julga mais acertado considera-los espécies diversas pois as descrições originais são inconfundíveis.

Pithecia monacha E. Geoffroy

Nome local: "Parauacú"

Pithecia monachus E. Geoffroy, 1812, Ann. Mus. Hist. Nat. Paris, vol. 10, pg. 116. Localidade típica: "Brasil" (= Rio Tapajós, Pará, restrita por Tate, 1939). (3)

(1) Boletim do Museu Paraense, 1906, vol. II, pg. 48.
(2) Cabrera, 1917, Rev. Real Academia Ciencias Madrid, XVI, pg. 244.
(3) Bull. Amer. Museum Nat. History, vol. 76, pg. 221.

SciELO

Pithecia monachus H. Ihering, 1904, Revista do Museu Paulista, vol. VI, pg. 411 (Rio Juruá).

Pithecia monachus hirsuta e *inusta* Lönnberg, 1938, Arkiv för Zoologi, band 30A, n.º 18, pg. 6 e 8 (Lago Grande, Santo Antonio, João Pessoa, Igarapé do Gordão, Igarapé Grande).

Pithecia monacha Eládio Lima, 1944, Mamíferos da Amazônia, vol. I, Primatas, pg. 84 (Rio Solimões).

12 ♂♂ e 9 ♀♀ de Santa Cruz, rio Eirú; outubro de 1936; 1 ♀ de Igarapé Grande, janeiro de 1937.

O gênero *Pithecia,* no qual autores modernos incluem tambem as espécies do gênero *Chiropotes,* é constituido por símios de regular tamanho, com o corpo recoberto de pêlos compridos e hirsutos, formando na cabeça um capacete, que em certas espécies cobre parcialmente a face; crânio fortemente dolicocéfalo, com as arcadas orbitárias muito separadas da caixa craniana; incisivos e caninos de ambos os maxilares projetando-se bastante para a frente.

Ihering, que teve em mãos 11 exemplares de *Pithecia* colecionados no Juruá, encontrou apenas a espécie *monacha,* afirmando ser esta a única que representa este gênero no vale daquele rio.

Lönnberg, em 1938 (2) estudando o material obtido por Olalla na mesma região, encontrou a mesma espécie *monacha,* porem distinguiu duas subespécies: *Pithecia monacha hirsuta* Spix (exemplares de Lago Grande e Santo Antônio) e *Pithecia monacha inusta* Spix (exemplares de João Pessoa, Igarapé do Gordão e Igarapé Grande, margem esquerda.

Eládio Lima, (3) baseado em Elliot (4) considera *inusta* e *hirsuta* de Spix como sinônimos de *Pithecia monacha,* não diferenciando subespécies.

O único exemplar de Igarapé Grande que possuimos (número 4239 ♀) apresenta os característicos apontados por Lönnberg para a raça *inusta,* isto é, colorido esbranquiçado, que em *hirsuta* abrange completamente os braços e as pernas, nesta raça está restrito aos pés e mãos. No resto do corpo o colorido é o mesmo.

Tambem o exemplar de n.º 757 ♀, coletado por Garbe em 1901 (sem localidade exata) apresenta os mesmos característicos.

Nos 25 couros de nossa coleção não são notadas variações individuais dignas de nota, a não ser no exemplar n.º 786, ♀ jovem, da coleção Garbe, que se apresenta notavelmente branco-pardacento tratando-se evidentemente de um exmplar albino.

(2) Arkiv for Zoologi, band 30A, n.º 18, pg. 6-8.
(3) Mamíferos da Amazônia, 1944, vol. I, Primatas, pg. 6.
(4) A Review of the Primates, 1913, vol. I, pg. 290.

SciELO

Cacajao rubicundus rubicundus (I. Geoffroy)

Nome local: "Macaco acarí"

Brachyurus rubicundus I. Geoffroy, 1848, Comptes Rendus Acad. Scienc. Paris, vol. 27, n.º 20, pg. 498. Localidade típica: São Paulo de Olivença, Rio Solimões (Amazonas).

Cacajao rubicundus Lönnberg, 1939, Arkiv for Zoologi, band 31A, n.º 18, pg. 22 (Santo Antônio, rio Eirú).

Cacajao rubicundus rubicundus Eládio Lima, 1944, Mamíferos da Amazônia, vol. I, Primatas, pg. 101 (rios Napo e Solimões).

1 ♂ e 3 ♀ ♀ de Santo Antônio, rio Eirú; 6 ♂ ♂ e 5 ♀ ♀ de Santa Cruz, rio Juruá; outubro e novembro de 1936.

As poucas espécies do gênero *Cacajao* são notáveis pela cauda curta, que não ultrapassa a metade do comprimento do corpo, o que constitui exceção entre os símios americanos.

Cacajao rubicundus tambem chamado vulgarmente "Uacari vermelho" e "Macaco inglês", não figura na lista dos mamíferos obtidos por Garbe no Juruá.

Lönnberg, que obteve 11 exemplares de Olalla procedentes de Santo Antônio, deu minuciosas dimensões externas e cranianas em seu trabalho, comparando-as com as da raça *C. rubicundus ucayali* Thomas, cuja localidade típica é Cerro Azul, rio Ucaiali, Perú. (1)

Difere da raça típica, *C. rubicundus rubicundus*, em ser de tamanho pouco menor e em ter a nuca com colorido vermelho castanho brilhante, em vez de esbranquiçado ou amarelado.

Nestes numerosos exemplares não se nota variação alguma de colorido, mesmo nos mais novos, como nos de numeros 4337 e 4338, ambos ♀ ♀ jovens, que apresentam coloração idêntica aos dos adultos.

Aotus infulatus (Kuhl)

Nome local: "Macaco da noite"

Callithrix infulatus Kuhl, 1820, Beitrage zur Zoologie, abth. 2, pg. 38. Localidade típica: Brasil (restrita ao Pará por Elliot, 1913).

Nyctipithecus azarae H. von Ihering, 1904, Revista do Museu Paulista, vol. VI, pg. 414 (rio Juruá).

Aotus infulatus Lönnberg, 1942, Arkiv for Zoologi, band 33A, n.º 10, pg. 37 (Aveiros e Maraí, estado do Pará; Lago do Batista, João Pessoa, Santo Antônio, Redenção, estado do Amazonas; rio Beni, Bolívia); Eládio Lima, 1944, Mamíferos da Amazônia, vol. I, Primatas, pg. 170 (Belem, Marajó, rio Capim e rio Acará, estado do Pará).

---

(1) *Pithecia* and *Cacajao* from Brazil; Arkiv för Zoologi, 1939, band 31A; n.º 18, pg. 22.

SciELO

3 ♂ ♂ e 1 ♀ de Igarapé Grande, janeiro de 1937; 2 ♂ ♂ de João Pessoa, dezembro de 1936.

Como observa Tate (1), o gênero *Aotus* ainda é bastante obscuro, pois as numerosas espécies até agora descritas apresentam grande uniformidade anatômica, variando apenas em detalhes de colorido, pelo que é duvidoso existirem mais de duas ou três espécies distintas.

Eládio Lima, (2) achando de absoluta necessidade a revisão do gênero, considera provisoriamente como válidas apenas três espécies amazônicas: *infulatus, trivirgatus* e *vociferans.*

Aotus infulatus apresenta o corpo acinzentado e a cauda, cuja base é pardacenta, vai escurecendo para a extremidade, onde se torna inteiramente negra. As partes inferiores são amarelo-ferrugíneas e a cabeça mostra três manchas negras na fronte.

Ihering considerou os 4 exemplares de Garbe como *Nyctipithecus azarae* (Humboldt), reduzindo *N. felinus* Spix a simples sinônimo.

Aotus azarae tem a coloração do corpo mais amarelada e a cauda com base de um avermelhado mais vivo. Ocorre no Paraguai, Bolívia e norte de Mato Grosso, onde Miranda Ribeiro encontrou-o no rio Jaurú.

Nestes exemplares notam-se variações individuais notaveis como nos exemplares de numeros 5048 e 5041, ♂ ♂, de Igarapé Grande. O primeiro apresenta uma faixa de leve colorido pardacento ao longo do dorso, da nuca à base da cauda; o segundo é fortemente maculado de pardo ferrugíneo na região lombar.

Saimiri madeirae juruanus Lönnberg

Nome local: "Macaco de cheiro"

Saimiri madeirae juruana Lönnberg, 1940, Arkiv för Zoologi, band 32A, n.º 21, pg. 7 (João Pessoa, Igarapé do Gordão, Rio Juruá). Localidade típica: rio Juruá, Amazonas.

Chrysothrix sciurea e *cassiquiarensis* H. von Ihering, 1904, Revista do Museu Paulista, vol. VI, pg. 413 (Rio Juruá).

Saimiri madeirae juruanus Eládio Lima, 1944, Mamíferos da Amazônia, vol. I, Primatas, pg. 161.

1 ♂ de Igarapé do Gordão e 1 ♀ de João Pessoa, rio Juruá; agosto e setembro de 1936.

O gênero *Saimiri* abrangia numerosas espécies que foram gra-

(1) Tate, 1939, Mammals of Guiana Region, Bull. Amer. Museum Nat. History, vol. LXXVI, pg. 222.
(2) Mamíferos da Amazônia, vol. I, Primatas, pg. 169.

SciELO

dualmente sendo reduzidas à subespécies, de modo a contar atualmente só com cinco espécies consideradas válidas.

Destas, três ocorrem no Brasil: *boliviensis, madeirae* e *sciureus*.

No primeiro grupo, reunem-se todas as formas que possuem cabeça negra, e nos outros dois, os de cabeça com côr igual à do dorso.

Esta raça, peculiar ao Juruá, tem a cabeça cinza azulada, assim como a nuca, dorso, braços, pernas e quase toda a cauda; face, garganta, peito e ventre, esbranquiçados; mãos e pés, pardo-escuros; ponta da cauda, negra.

Lönnberg (1) distingue-a de *Saimiri madeirae madeirae* pelas orelhas peludas, colorido do dorso muito mais escuro e crânio pouco maior.

Certos exemplares citados pelo autor aproximam-se mais da forma típica. Estão neste caso os dois únicos exemplares de Olalla, diferentes que são dos de Garbe no colorido do dorso e das mãos.

Na lista de Ihering consta *Chrysothrix cassiquiarensis* (Humboldt), representado por um único exemplar. Todavia, como nota Eládio Lima, o caráter das estrias pretas acima das orelhas atribuida a esta espécie, não tem valor sistemático, pois é encontrado em exemplares de outras formas, parecendo tratar-se de simples variação individual.

Tambem o crânio, segundo o próprio Ihering, não se distingue do de *Chrysothrix sciurea* (Linnaeus).

Esse exemplar, n.º 754 do catálogo do Museu Paulista, foi ha muitos anos retirado da coleção, por ter se estragado, e devia evidentemente pertencer a esta raça de Lönnberg.

Saimiri boliviensis pluvialis Lönnberg

Nome local: "Macaco de cheiro"

Chrysothrix entomophaga H. von Ihering, 1904, Revista do Museu Paulista, vol. VI, pg. 414 (Rio Juruá).

Saimiri boliviensis pluvialis Lönnberg, 1940, Arkiv för Zoologi, band 32A, n.º 21, pg. 12. Localidade típica: Rio Juruá, Amazonas; idem, Eládio Lima, 1944, Mamíferos da Amazônia, vol. I, Primatas, pg. 163.

1 ♂ e 1 ♀ de Lago Grande; 1 ♂ e 1 ♀ de Santo Antônio, rio Eirú; 15 ♂ ♂ e 6 ♀ ♀ de Santa Cruz; outubro e novembro de 1936.

Esta forma pertence ao grupo dos saimiris de cabeça preta e foi por Ihering determinada como *Chrysothrix entomophaga* d'Orbigny (= *Saimiri entomophaga* d'Orbigny, 1847, Voyage dans l'Amérique Méridionale, vol. IV, pt. 2, Mammifères, pr. 10);

(1) Arkiv för Zoologi, band 32A, n.º 21, pg. 7.

mais tarde reconhecida como a mesma espécie *Saimiri boliviensis* já descrita pelo mesmo d'Orbigny em 1834 (Nouv. Ann. Mus. Hist. Nat. Paris, vol. 3, pg. 89). (1)

Lönnberg, em 1940. (2) notando diferenças de colorido nos exemplares do rio Juruá, separou-os na nova subespécie *Saimiri boliviensis pluvialis* que difere de *Saimiri boliviensis boliviensis* d'Orbigny cuja localidade típica é Serra Guaraia, Bolívia, em ter o colorido geral mais escuro e antebraços, mãos e pés, ocráceos.

Como nota Lönnberg, são frequentes as variações individuais e ha um certo dimorfismo sexual, pois as fêmeas apresentam o preto da cabeça e de outras partes do corpo muito mais intenso.

Nestes 25 exemplares, notam-se frequentes variações de colorido, principalmente nos de Lago Grande e Santo Antônio que apresentam nos antebraços, mãos e pés, coloração amarela, em vez de ocre. Tambem no corpo apresentam a pelagem dos flancos muito mais amarelada.

Callicebus cupreus cupreus (Spix)

Nome local: "Japussá"

Callithrix cuprea Spix, 1823, Simiarum et Vespertilionum Brasiliensium species novae, pg. 23, pr. 17. Localidade típica: Rio Solimões, Amazonas.

Callicebus cupreus H. von Ihering, 1904, Revista do Museu Paulista, vol. VI, pg. 412 (rio Juruá); Lönnberg, 1939, Arkiv för Zoologi, band 31A, n.º 13, pg. 12 (João Pessoa, Igarapé do Gordão, Santo Antônio, Rio Juruá.).

Callicebus cupreus cupreus Eládio Lima, 1944, Mamíferos da Amazônia, vol. I, Primatas, pg. 186.

4 ♂♂ e 4 ♀♀ de Santa Cruz, Rio Eirú; 1 ♂ de Santo Antônio; 10 ♂♂ e 3 ♀♀ de João Pessoa, Rio Juruá.

Ihering, em sua lista de mamíferos do Juruá cita duas espécies de japussás: *Callicebus torquatus* (Hoffmannseg) e *Callicebus cupreus* (Spix).

Sobre os caracteres exteriores da primeira, diz apenas: "Esta bonita espécie fàcilmente se reconhece pela coleira branca da garganta." (3)

Eládio Lima (4) achou, com razão, que provàvelmente estes exemplares pertencem a alguma forma aliada à típica *Callicebus torquatus torquatus*.

Efetivamente, pelo exame minucioso do exemplar nº 911 ♂

(1) Elliot, 1913, A Review of the Primates, vol. I, pg. 315.
(2) Arkiv för Zoologi, band 32A, n.º 21, pg. 12.
(3) Revista do Museu Paulista, vol. VI, pg. 412.
(4) Mamíferos da Amazônia, vol. I, Primatas, pg. 181.

SciELO

adulto hoje na coleção do Departamento de Zoologia, verifica-se tratar-se da raça *Callicebus torquatus regulus* Thomas (Ann. Mag. Nat. History, 1927, serie 9, vol. 19, pg. 510) cuja localidade típica é Fonte Boa no Alto Solimões, não longe da foz do Juruá.

Diferencia-se pelo dorso bruno-agrisalhado e a cauda completamente negra, sem nenhuma mistura de pêlos avermelhados.

Nenhum exemplar foi colecionado por Olalla no Juruá, citando Lönnberg quatro exemplares de Codajaz, margem norte do Solimões.

A espécie *cupreus* da qual são reconhecidas 6 raças, não tem colar branco, apresentando a garganta, peito, ventre e membros anteriores e posteriores, coloração castanho-acobreada. Cauda com base ligeiramente castanha que vai se tornando cinzenta até a extremidade que é quase branca.

Elliot (1) observou variações individuais, principalmente no colorido das partes superiores do corpo e na cauda.

Nestes numerosos exemplares, notam-se alguns com o dorso de um trigueiro avermelhado mais intenso; mas a maior variação está no colorido da cauda, que nalguns apresenta-se quase branco-amarelada em quase toda sua extensão.

Família CALLITRICHIDAE

Tamarin imperator subgrisescens (Lönnberg)

Nome local: "Sauim de bigode"

Mystax imperator subgrisescens Lönnberg, 1940, Arkiv för Zoologi, band 32A, n.º 10, pg. 9. Localidade típica: Santo Antônio, rio Eirú, perto da confluência do Juruá.

Tamarin imperator subgrisescens Eládio Lima, 1944, Mamíferos da Amazonia, vol. I, Primatas, pg. 224.

1 ♂ e 2 ♀ ♀ de Santo Antônio; 6 ♂ ♂ e 3 ♀ ♀ de Santa Cruz, rio Eirú.

Das numerosas espécies do gênero *Tamarin*(2) encontradas na Amazônia, Garbe colecionou apenas três no rio Juruá: *mystax, fuscicollis* e *pileatus*.

Destes, a última foi considerada por Ihering como subespécie diferente da forma típica de I. Geoffroy (Revista do Museu Paulista, vol. VI, pg. 416).

Goeldi (Proceed. Zool. Soc. London, 1907, pg. 98) não aceitou essa subespécie, verificando não haver a pretensa diferença de cor na pelagem do dorso.

---

(1) A Review of the Primates, 1913, vol. I, pg. 243.

(2) *Midas* E. Geoffroy, 1812 e *Mystax* Gray, 1870, estão pre-ocupados respectivamente por *Midas* Latreille ,1776 e *Mystax* Stephens, 1829.

Eládio Lima (Mamíferos da Amazônia, vol. I, Primatas, pg. 210) aceita a opinião de Goeldi, não diferenciando esses sauins de cabeça ferrugínea do Juruá da forma típica do rio Javarí.

Nenhum exemplar desta espécie foi encontrado por Olalla que, nas margens do Juruá alem de *Mystax fuscicollis*, tambem obteve o sauim de grandes bigodes *T. imperator*.

Este singular calitríquida foi descrito por Goeldi em 1907 (Proceed. Zool. Soc. London, pt. 1, n.º 6, pg. 93) e baseado em exemplares provenientes dos rio Acre e alto Purus.

Lönnberg (Arkiv för Zoologi, 1940, band 32A, n.º 10, pg. 9) achou sensiveis diferenças entre os exemplares de Olalla caçados no Juruá e os de Goeldi considerando-os como pertencentes à outra raça geográfica: *subgrisescens*.

São sauins relativamente grandes cujo comprimento da cabeça e do corpo varia de 260 a 230 mm nos ♂ ♂ adultos, tendo a cauda 405 a 410 mm.

O colorido geral do corpo é cinzento, lavado de pardacento; fronte e lados da cabeça, pretos; longos pêlos brancos em ambos os lados, atingindo os do lábio superior até 70 mm; mãos e pés quase pretos; cauda ruiva e mesclada de preto até a extremidade, que é preta.

A intensidade desse colorido é, porem, variavel; o exemplar n.º 4806 ♂ de Santo Antônio apresenta cauda totalmente de cor ruivo-intenso até a extremidade que é cinzenta e não preta.

Conforme Lönnberg, a principal diferença da raça típica *T. imperator imperator* está na parte ventral que é cinzenta, em vez de ferrugínea.

Tamarin mystax (Spix)

Nome local: "Sauim de boca branca"

Midas mystax Spix, 1823, Simiarum et Vespertilionum Brasiliensium species novae, pg. 29, pr. 22. Localidade típica: São Paulo de Olivença, rio Solimões, Amazonas; H. von Ihering, 1904, Revista do Museu Paulista, vol. VI, pg. 415 (rio Juruá).

Mystax mystax Lönnberg, 1940, Arkiv för Zoologi, band 32A, n.º 10, pg. 6 (João Pessoa, rio Juruá).

Tamarin mystax Eládio Lima, 1944, Mamíferos da Amazônia, vol. I, Primatas, pg. 220 (rios Purús, Napo e Juruá).

2 ♂ ♂ e 1 ♀ de João Pessoa; 5 ♂ ♂ e 1 ♀ de Igarapé Grande; dezembro de 1936 e janeiro de 1937.

Como o precedente, este sauim possui pêlos brancos dispostos sobre as narinas e ambos os lábios, formando um curto bigode branco que contrasta vivamente com a cabeça, inteiramente negra.

SciELO

Colorido geral ocráceo, mesclado de preto; braços, mãos e pés pretos; cauda muito longa e inteiramente preta.

Nenhuma variação de colorido se nota nestes exemplares.

Tamarin fuscicollis (Spix)

Nome local: "Sauim"

Midas fuscicollis Spix, 1823, Simiarum et Vespertilionum Brasiliensium species novae, pg. 27, pr. 20. Localidade típica: São Paulo de Olivença, rio Solimões, Amazonas; idem, H. von Ihering, 1904, Revista do Museu Paulista, vol. VI, pg. 415 (Rio Juruá).

Tamarin fuscicollis Eládio Lima, 1944, Mamíferos da Amazônia, vol. I, Primatas, pg. 229.

2 ♂ ♂ e 1 ♀ de Igarapé Grande, rio Juruá; 1 ♂ de Igarapé do Gordão, Rio Juruá; agosto e setembro de 1936.

Pouco menor e bastante semelhante no colorido à espécie precedente, com a qual tem sido confundida.

As principais diferenças estão no colorido da cabeça, que é brunácea e nos pêlos brancos dos lábios que são muito curtos, não formando bigodes. Mãos, pés e cauda, pretos.

Eládio Lima (Mamíferos da Amazônia, vol. I, Primatas, pg. 230) assinala notaveis diferenças de colorido devidas à idade que não são observaveis nestes quatro exemplares, todos adultos.

Callithrix melanoleuca (Miranda Ribeiro)

Nome local: "Sauim branco"

Mico melanoleucus Miranda Ribeiro, 1912, Brasilianische Rundschau, vol. 2, n.º 1, pg. 22. Localidade típica: "provavelmente Amazonas".

Leontocebus hololeucus Olivério Pinto, 1937, Boletim Biológico, São Paulo, vol. VIII, nova série, n.º 5, pg. 1 (Santo Antônio, rio Eirú, afluente do Juruá); idem, Lönnberg, 1940, Arkiv för Zoologi, band 32A, n.º 10, pg. 1 (Santo Antônio, rio Eirú).

Callithrix melanoleuca Eládio Lima, 1944, Mamíferos da Amazônia, vol. I, Primatas, pg. 249 (Lago Grande, rio Juruá).

6 ♂ ♂ e 2 ♀ ♀ de Santo Antônio, rio Eirú; 1 ♂ de Igarapé Grande; 9 ♂ ♂ e 4 ♀ ♀ de Santa Cruz, rio Juruá; setembro, outubro e novembro de 1936.

Miranda Ribeiro, em 1912, baseado em dois exemplares de um sauim branco até então desconhecido e procedentes do Amazonas, descreveu sumariamente a nova espécie *Mico melanoleucus*, sem designar porem tipo ou localidade típica. (1)

(1) M. Ribeiro, 1912, Zwei neue Affen unserer Fauna; Brasilianische Rundschau, Rio de Janeiro, band 2, n.º 1, pg. 22.

SciELO

Em 1937, Olivério Pinto, descreveu *Leontocebus hololeucus,* baseado em quatro exemplares de um sauim inteiramente branco e procedentes de Santo Antonio no rio Eirú, afluente da margem direita do rio Juruá.(1)

Lönnberg, em 1940, identificou esta espécie com os onze exemplares enviados para o Museu de História Natural de Estocolmo por Olalla e procedentes da mesma localidade. (2)

Eládio Lima porém, em 1942, depois de ter examinado os tipos e parátipos de *Leontocebus hololeucus* existentes no Departamento de Zoologia e, tendo sido ele quem enviou a Miranda Ribeiro um dos exemplares em que este baseou a espécie, concluiu pela identidade de *Mico melanoleucus* M. Ribeiro com *Leontocebus hololeucus* O. Pinto, colocando-o porem no gênero *Callithrix*, embora com reservas, pois diz textualmente:: "dadas as afinidades que ligam *C. melanoleucus* a *C. chrysoleucus,* inclusive a variação paralela do colorido dentro de um mesmo padrão, deve ele permanecer no gênero *Callithrix* embora um pouco forçado e talvez com feição de forma de ligação para o gênero *Leontocebus*". (3)

Seguindo a opinião de Eládio Lima, identificamos estes sauins com a espécie de Miranda Ribeiro.

A côr é inteiramente branca, com tonalidades ligeiramente amareladas no dorso e nas pernas.

Faces nuas, de colorido cinzento muito escuro, quase preto; orelhas nuas ocultas nos pêlos da cabeça; cauda muito comprida, lavada de amarelado no dorso; partes ventrais amareladas.

Nesta série de 22 couros cheios observam-se algumas variações de colorido como no exemplar n.º 4083 ♂ de Santo Antônio que é muito amarelado no dorso e principalmente na base da cauda e coxas.

QUIRÓPTEROS

Família EMBALLONURIDAE

Rhynchiscus naso (Wied)

Vespertilio naso Wied, 1820, Reise nach Brasilien, I, pg. 251. Localidade típica: Rio Mucuri, Minas Gerais.

Rhynchonycteris naso H. von Ihering, 1904, Revista do Museu Paulista, vol. VI, pg. 417.

1 ♂ e 1 ♀ de Igarapé Grande, Rio Juruá; janeiro de 1937.

(1) O. Pinto, 1937, Um novo mamífero do rio Juruá; Boletim Biológico, São Paulo, vol. VIII, n.º 5, pg. 1.

(2) Lönnberg, 1940, Notes on marmosets, Arkiv för Zoologi, band 32A, n.º 10, pg. 1.

(3) E. Lima, 1944, Mamíferos da Amazonas, vol. I, Primatas, pg. 249.

SciELO

Morcego pequeno, pardo-acinzentando, caracterizado pelo comprido focinho de extremidade proeminente, munido de compridos pêlos e antebraço revestido de pêlos esbranquiçados. Seu colorido está sujeito a alguma variação mesmo em exemplares da mesma localidade, como se pode verificar nesta ♀ de Igarapé Grande, que é bem mais escura que o ♂.

É de larga distribuição, sendo conhecido desde o México e América Central até o Brasil central e oriental.

Família PHYLLOSTOMIDAE

Hemiderma perspicillatum (Linnaeus)

Vespertilio perspicillatus Linnaeus, 1758, Systema Naturae, 10.ª ed., I, pg. 31. Localidade típica: América do Sul.

Hemiderma perspicillatum H. von Ihering, 1904, Revista do Museu Paulista, vol. VI, pg. 418 (rio Juruá).

1 ♂ de Igarapé Grande, rio Juruá; janeiro de 1937.

Morcego de tamanho médio, com 50 a 55 mm de comprimento (cabeça e corpo) e cerca de 250 mm de envergadura; cor pardo-escura no dorso, mais clara no ventre; folha nasal bem desenvolvida e lanceolada; pequena cauda semi-oculta na membrana interfemural.

É tambem de larga distribuição por toda a região neo-trópica, sendo encontrado por quase todo o Brasil, principalmente nos estados do Amazonas e Pará, onde é dos mais comuns.

Conforme Goeldi e Hagmann (Boletim do Museu Paraense, tomo IV, 1906, pg. 57) é esta a espécie mais frequente e mais fácil de ser observada na cidade de Belem, nos telhados ou na folhagem das arvores frutíferas.

Garbe tambem colecionou apenas um exemplar no Juruá.

Família NOCTILIONIDAE

Noctilio leporinus leporinus (Linnaeus)

Vespertilio leporinus Linnaeus, 1758, Systema Naturae, 10.ª edição, pg. 32. Localidade típica: Guiana.

Noctilio leporinus Vieira, 1942, Arquivos de Zologia, vol. III, pg. 259 (Amazonas, Bahia, Goiaz e Mato Grosso).

1 ♂ de João Pessoa, rio Juruá, XI-1936 (em alcool).

Os notiliônidas constituem uma pequena família neotrópica apenas com dois gêneros bastante semelhantes no aspecto: *Dirias* e *Noctilio*.

Das poucas espécies do primeiro, é comum na Amazônia *Di-*

rias albiventer Spix, da qual foram apanhados 5 exemplares por Garbe no Juruá, os quais figuram na lista de Ihering como *Noctilio albiventer affinis* d'Orbigny.

Olalla colecinou numerosos exemplares em Silves, Itacoatiara e Igarapé Grande, estado do Amazonas, mas não o conseguiu no Juruá onde obteve apenas um representante do outro genero *Noctilio*.

Este grande morcego de côr pardo-ferrugínea é muito característico pela cabeça de aparência canina e as fortes garras dos pés.

Sua distribuição é tambem bastante extensa, sendo reconhecidas quatro raças, das quais duas ocorrem no Brasil: *Noctilio leporinus leporinus* (Linnaeus) e *Noctilio leporinus rufipes* d'Orbigny.

A primeira é menor, sendo conhecida desde a América Central, por toda a Amazônia, até o sudeste do Brasil.

Como pode-se observar nos exemplares obtidos por Olalla em Silves e Igarapé Anibá (Amazonas) e Buiussú (Pará), o colorido é extremamente variavel, passando do pardo quase ferrugíneo ao pado mais escuro e apresentando algumas vezes uma leve estria esbranquiçada ao longo do dorso.

Como os morcegos do gênero *Dirias*, este tambem é de hábitos insetívoros e ictiófagos.

Família MOLOSSIDAE

Eumops perotis trumbulli (Thomas)

Promops trumbulli Thomas, 1901, Ann. Mag. Nat. History, serie 7, vol. 7, pg. 190. Localidade típica: Pará.

Eumops perotis trumbulli Sanborn, 1932, Journal of Mammalogy, vol. 13, pg. 347.

1 ♂ de João Pessoa, novembro de 1936.

A família *Molossidae* é caracterizada pela cauda, que fica em grande parte livre da membrana interfemural.

É eminentemente insetívora e compreende numerosas espécies brasileiras, quase todas ocorrentes no Amazonas e Pará.

Nenhum exemplar foi obtido por Garbe no Juruá; Olalla conseguiu três, representando dois gêneros: *Eumops* e *Molossus*.

O gênero *Eumops* abrange cinco espécies no Brasil, das quais *perotis* é a maior e de maiores orelhas.

A raça amazônica *trumbulli* é menor que a raça típica, do Brasil Meridional, e difere no colorido geral das partes superiores, que é pardo acinzentando escuro, em lugar de pardo avermelhado.

SciELO

Molossus rufus E. Geoffroy

Molossus rufus E. Geoffroy, 1805, Annales du Museum, VI, pg. 154. Localidade típica: América do Sul.

2 ♂ ♂ e 1 ♀ de João Pessoa, rio Juruá; dezembro de 1936.

Das duas únicas espécies do gênero *Molossus* é esta a maior (cabeça e corpo atingindo até 80 mm) e menos encontradiça.

De colorido pardo fuliginoso nas partes superiores e inferiores, tem orelhas curtas e arredondadas; trago pequeno, retilíneo e de extremidade aguçada; extremidade do focinho obtusa e saliente; lábios grossos e lisos sem rugas.

Os ♂ ♂ possuem grande saco glandular situado no centro do pescoço, nas fêmeas é rudimentar.

Nos numerosos exemplares da coleção do Departamento de Zoologia provenientes de diferentes regiões do Brasil, não se nota diferenças apreciaveis que permitam separação em subespécies.

Molossus obscurus E. Geoffroy

Molossus obscurus E. Geoffroy, 1805, Annales du Museum, VI, pg. 154. Localidade típica: Caiena, Guiana Francesa.

2 ♂ ♂ e 3 ♀ ♀ de João Pessoa, rio Juruá, dezembro de 1936.

Morcego bem menor que o precedente (cabeça e corpo atingindo somente 60 mm) e muito mais comum.

Inteiramente semelhante no aspecto externo, difere somente no colorido, que varia do pardo-escuro ao pardo-fulvo.

É bem conhecido por toda a América Central e do Sul, sendo dos mais comuns no Brasil, principalmente ao norte.

CARNÍVOROS

Família PROCYONIDAE

Nasua nasua juruana H. von Ihering

Nome local: "Coati de bando"

Nasua nasua H. von Ihering, 1904, Revista do Museu Paulista, vol. VI, pg. 419 (Rio Juruá).

Nasua narica juruana H. von Ihering, 1911, Revista do Museu Paulista, vol. VIII, pg. 147 (Rio Juruá).

1 ♂ e 4 ♀ ♀ de Santa Cruz; 1 ♀ de Igarapé Grande, Rio Juruá, novembro de 1936 e janeiro de 1937.

Estes coatis do Rio Juruá diferem bastante no colorido, dimensões e crânio dos procedentes do leste do Amazonas e do Pará.

Ihering, que foi o primeiro autor a observar essas diferenças,

SciELO

considerou-os como pertencentes a uma subespécie por ele criada, *Nasua narica juruana* Ihering.

É porem forma muito mais afim da forma avermelhada do nordeste, *Nasua nasua* (Linneus), cuja localidade típica é Pernambuco, que de *Nasua solitaria* Wied (impropriamente denominada *narica* por Ihering), cinza-amarelado do Brasil Meridional, devendo ser considerada como raça daquela espécie e não desta.

O colorido geral é cinza-escuro, misturado de ruivo, no que difere à primeira vista das outras raças amazônicas do norte do Brasil, cujo colorido geral dos machos adultos é vermelho canelino. (1)

Família CANIDAE

Atelocynus microtis (Sclater)

Nome local: "Cachorro do mato"

Canis microtis Sclater, 1882, Proceed. Zool. Soc. London, pg. 367, pl. 47; idem, Goeldi e Hagmann, 1904, Boletim do Museu Goeldi, vol. IV, pg. 64 (estado do Amazonas).

Canis thous sclateri H. von Ihering, 1911, Os Mamíferos do Brasil Meridional; Revista do Museu Paulista, vol. VIII, pg. 219.

Atelocynus microtis Cabrera, 1940, Notas del Museu de La Plata, Zoologia, n.º 29, pg. 14.

1 ♀ e 1 ♂ de João Pessoa, rio Juruá; outubro de 1936.

Este raro cão selvagem foi descrito em 1882 por Sclater que se baseou num exemplar vivo então existente no Jardim Zoologico de Londres.

É caracterizado pelas orelhas pequenas e pêlos muito curtos, no que difere dos outros cânidas da América do Sul.

Coloração geral cinza escuro no dorso e cinza pardacento nos flancos; cabeça cinza sobre fundo pardacento, assim como as orelhas; pernas e pés pretos; cauda quase toda preta.

É bem maior que *Cerdocyon thous azarae* (Wied) cujos maiores exemplares que possuimos de machos adultos provenientes de Goiaz e Mato Grosso, atingem no máximo 980 de comprimento total.

Só um destes exemplares, o de n.º 4230 ♀, teve anotadas no rotulo pelo colecionador as seguintes medidas: comprimento total, 1.042 mm; cauda, 293; pé posterior, 150.

O crânio desse exemplar tem as seguintes dimensões: comprimento total 169 mm; comprimento côndilo basal 153; largura zigomática 92,5; maior comprimento dos nasais 56; distancia in-

(1) Cf. Vieira, 1945, Arquivos de Zoologia, vol. IV, pg. 410.

SciELO

terorbital 33; largura da caixa craniana 48; série molar superior 54.

Conforme Cabrera e Yepes (1) este cão só tem sido encontrado ao sul do rio Amazonas, entre o alto Tapajós e o Ucaiali no Perú e é um dos mamíferos mais raros da América do Sul.

Família MUSTELIDAE

Tayra barbara madeirensis Lonnberg

Nome local: "Irara"

Galera barbara H. von Ihering, 1904, Revista do Museu Paulista, vol. VI, pg. 419 (rio Juruá).

Tayra barbara madeirensis Lönnberg, 1914, Arkiv för Zoologi, band 8, n.º 6, pg. 19. Localidade típica: Humaitá, rio Madeira, Amazonas.

1 ♂ e 2 ♀ ♀ de Santa Cruz, rio Juruá; 1 ♂ de Igarapé Grande, rio Juruá; novembro de 1936 e janeiro de 1937.

Das três raças de iraras até agora reconhecidas no Brasil, esta é peculiar à Amazônia.

Difere da raça típica *Tayra barbara barbara* (Linnaeus), cuja localidade típica é Pernambuco (2), e da raça do Brasil meridional *Tayra barbara gulina* Wied em ter os pêlos do corpo mais curtos e ser muito mais escura, de um preto luzidio, principalmente ao longo do espinhaço; a cauda é pouco mais comprida e com pêlos mais curtos.

Outro caráter notavel está no colorido cinza esbranquiçado da cabeça que, nos adultos se estende apenas até a nuca, não se esmaecendo gradativamente sobre a região lombar como nas outras raças.

Os exemplares de irara colecionados por Olalla no lago do Batista, baixo Madeira (Amazonas) e Caxiricatuba e Buiussú (Pará), em nada diferem no colorido ou nas dimensões externas e cranianas.

Pteronura brasiliensis brasiliensis (Zimmermann)

Nome local: "Ariranha"

Lutra brasiliensis Zimmermann, 1780, Geogr. Gesch. II, pg. 316. Localidade típica: Brasil. Idem, Goeldi e Hagmann, 1904, Boletim do Museu Goeldi, vol. IV, pg. 63 (Belem, Pará).

Pteronura brasiliensis brasiliensis Tate, 1939, Manuals of the Guiana; Bulletin American Museum of Natural History, vol. LXXVI, pg. 204 (rios Caura e Orenoco).

---

(1) Cabrera e Yepes, 1940, Mamiferos sud-americanos; Historia Natural Ediar. pg. 130.

(2) Cf. Lönnberg, 1914, Arkiv för Zoologi, band 8, n.º 16, pg. 19.

SciELO

1 ♀ de Santa Cruz, rio Eirú; outubro de 1936.

Esta grande lontra difere principalmente das espécies do gênero *Lutra* em ter a ponta do focinho, entre as narinas, recobertas de pêlos e a cauda mais longa e achatada.

Chega a atingir grandes proporções e tem hábitos diurnos ao contrário das outras que são essencialmente noturnas.

A raça *P. brasiliensis paranensis* (Rengger) do Brasil Meridional, diferencia-se da típica *P. brasiliensis brasiliensis* (Blumenbach) do norte do Brasil, conforme o estudo comparativo de Pohl, (1) principalmente nas dimensões cranianas. Seu crânio é maior e mais robusto, apresentando maior largura da caixa craniana; dentes maiores, principalmente os caninos e os primeiros molares.

Tambem sua coloração geral é mais clara e a mancha amarelada que cobre os lábios, mento e garganta, não apresenta a mesma uniformidade, sendo muito mais larga e interrompida por manchas castanhas, sobretudo na garganta.

Este único exemplar do Juruá, tem as seguintes dimensões: comprimento total 1170 mm; cauda 370; pé 105; crânio: comprimento total 140 mm; comprimento côndilo basal 135; largura zigomática 86; constrição interorbital 19; série molar superior 40.

Conforme Goeldi e Hagmann (2), esta raça é frequente em todos os rios da Amazônia inferior onde pode ser observada em grandes bandos.

Duas raças são reconhecidas na América do Sul: *Pteronura brasiliensis brasiliensis* (Zimmermann) e *Pteronura brasiliensis paranesis* (Rengger).

A primeira é peculiar ao Perú, Guianas e Amazônia e a segunda é do Brasil central e meridional, Uruguai e Argentina.

Lutra mitis Thomas

Nome local: "Lontra"

Lutra mitis Thomas, 1908, Annals and Magazine of Natural History, ser. 8, vol. 1, pg. 393. Localidade típica: "Surinam".

1 ♂ e 1 ♀ de Igarapé Grande, rio Juruá, janeiro de 1937.

Esta espécie diferencia-se da espécie meridional *Lutra platensis* Waterhouse principalmente no focinho, cuja região terminal nua é dividida em duas partes por uma linha vertical de pêlos curtos.

---

(1) Archiv für Naturgeschichte, Berlin, 1919, abt. A, heft 9, pg. 117.
(2) Boletim do Museu Goeldi, 1904, vol. IV, pg. 64.

SciELO

É tambem menor e seus pêlos são mais curtos; o colorido geral é de um pardo muito mais claro.

O crânio é mais fraco e tem a região interorbital mais estreita; a bula timpânica é mais arredondada.

Dimensões referidas pelo colecionador: n.º 5171 ♂, comprimento total 1030 mm; cauda 425; pé 120; n.º 5172 ♀, comprimento total 785; cauda 370; pé 100.

ROEDORES

Família CUNICULIDAE

Cuniculus paca paca (Linnaeus)

Nome local: "Paca"

Mus paca Linnaeus, 1766, Systema Naturae, 12.ª edição, I, pg. 81. Localidade típica: Guiana Francesa.

Cuniculus paca paca Ellerman, 1940, The Families and Genera of Rodents, vol. I, pg. 225.

1 ♂ de Igarapé Grande, rio Juruá, janeiro de 1937.

Nenhum exemplar de paca foi caçado no Juruá por Garbe, que alí obteve apenas dois representantes da família *Dasyproctidae*.

Este único exemplar de Igarapé Grande, quer nas dimensões quer na intensidade do colorido, não difere dos outros coletados por Olalla no Lago Batista (Amazonas); Foz do Curuá, Piquiatuba e Igarapé Bravo (Pará).

Família DASYPROCTIDAE

Dasyprocta fuliginosa fuliginosa Wagler

Nome local: "Cutia"

Dasyprocta fuliginosa Wagler, 1832, Isis, XXV, pg. 1220. Localidade típica: Borba, Rio Madeira, estado do Amazonas.

Dasyprocta fuliginosa H. von Ihering, 1904, Revista do Museu Paulista, vol. VI, pg. 423 (Rio Juruá).

Dasyprocta fuliginosa fuliginosa Ellerman, 1940, The Families and Genera of Rodents, vol. I, pg. 195.

3 ♂ ♂ de Igarapé Grande, rio Juruá, janeiro de 1937.

Entre as outras espécies amazônicas de *Dasyprocta*, todas de colorido avermelhado, esta destaca-se pela sua coloração muito escura, quase negra, mesclada de cinza claro.

Esse colorido, como já notou Hagmann (Boletim do Museu Goeldi, 1904, pg. 72), é bastante variavel, disso podendo ter-se a prova nestes três exemplares de machos adultos.

SciELO

Os de números 5629 e 5271 são perfeitamente iguais, o mesmo não se dando com o de número 5628, que apresenta a côr da parte posterior muito mais esbranquiçada e, sobre o dorso, da nuca à região lombar, nítida mancha fulvo-amarelada.

Myoprocta pratti puralis Thomas

Nome local: "Acutiara"

Myoprocta pratti puralis Thomas, 1926, Annals and Magazine of Natural History, serie 9, vol. 17, pg. 639. Localidade típica: Aiapuá, Rio Purus, estado do Amazonas.

3 ♂ ♂ e 3 ♀ ♀ de João Pessoa, Rio Juruá; outubro e dezembro de 1936.

Das quatro espécies de cutias providas de cauda do gênero *Myoprocta* conhecidas na Amazônia, duas são constatadas no alto Juruá; *Myoprocta acouchy* (Exrleben) e *Myoprocta pratti* (Pocock), esta com tres subespécies reconhecidas por Thomas. (1)

A primeira foi obtida por Garbe em 1902 e difere principalmente em ser de tamanho pouco maior e de coloração geral de tom fulvo, em vez de oliváceo.

Myoprocta pratti puralis é de colorido geral acinzentado, lavado de oliváceo nas partes superiores do corpo, levemente ocráceo na parte trazeira e nas coxas; partes inferiores amareladas, com uma nítida estria branca da garganta ao ventre; atrás das orelhas, nítida mancha ocrácea.

É bem menor que *Myoprocta acouchy*, pois os dois maiores exemplares, que são os de números 4715 ♂ e 4711 ♀, medem respectivamente 432 e 410 mm de comprimento total.

Os maiores exemplares de *M. acouchy* atingem até 630 mm de comprimento total.

As dimensões cranianas são as seguintes: n.º 4708 ♂, comprimento total 72; largura zigomática 35; largura da caixa craniana 30; comprimento da mandíbula 39; série molar superior 15; n.º 4715 ♂, comprimento total 72; largura zigomática 35; largura da caixa craniana 30; comprimento da mandíbula 39; série molar superior 15.

Isothrix bistriatus bistriatus Wagner

Nome local: "Rato coró"

Isothrix bistriatus Wagner, 1845, Archiv fur Naturgeschichte, I, pg. 146. Localidade típica: Rio Guaporé, estado de Mato Grosso.

(1) Annals and Magazine of Natural History, 1920, serie 9, n.º 6, pg. 279 e 1926, serie 9, n.º 17, pg. 638.

SciELO

Isothrix bistriata H. von Ihering, 1904, Revista do Museu Paulista, vol. VI, pg. 422 (Rio Juruá).

Isothrix bistriatus bistriatus Ellerman, 1940, The Families and Genera of Living Rodents, vol. I, pg. 114.

2 ♂♂ e 1 ♀ de Santa Cruz, rio Eirú; 1 ♀ de João Pessoa, Rio Juruá; novembro e dezembro de 1936.

Este belo equímida de longa e peluda cauda negra é peculiar à Amazônia, mas é igualmente conhecido no Rio Orenoco, na Venezuela.

Nessa vasta distribuição, três raças pelo menos, alem da presente, podem ser reconhecidas: *Isothrix bistriatus negrensis* Thomas, do baixo Rio Negro, e *Isothrix bistriatus orenoci* Thomas, do alto Orenoco.

Isothrix bistriatus bistriatus, da qual Garbe obteve numerosos exemplares, é um rato grande, de colorido geral cinzento-amarelado; ao longo do dorso corre uma faixa enegrecida, que se torna bem preta na nuca, de onde corre até o focinho uma estria amarelada; membros anteriores e posteriores amarelados; cauda longa, tão longa quanto o comprimento do corpo e da cabeça, quase toda negra, com base ocrácea; garganta ligeiramente ocrácea; peito e ventre amarelados.

Destes quatro exemplares, o de n.º 4482, ♀, apresenta-se bastante lavado de ocráceo, da base da cauda à região lombar e o de n.º 4485 ♂, possui forte mancha ocrácea na nuca, que não existe nos outros três exemplares.

Hadrosciurus pyrrhonotus juralis (Thomas)

Nome local: "Coatipurú"

Sciurus pyrrhonotus juralis Thomas, 1926, Annals and Magazine of Natural History, serie 9, n.º 17, pg. 436. Localidade típica: Rio Juruá, Amazonas.

Sciurus pyrrhonotus H. von Ihering, 1904, Revista do Museu Paulista, vol. VI, pg. 419 (Rio Juruá).

Hadrosciurus pyrrhonotus juralis Moojen, 1942, Boletim do Museu Nacional n.º 1, pg. 34 (Santa Cruz, Igarapé Grande e João Pessoa, Rio Juruá).

10 ♂♂ e 4 ♀♀ de Santa Cruz, Rio Eirú; 4 ♂♂ de Igarapé Grande; 6 ♂♂ e 2 ♀♀ de João Pessoa, Rio Juruá; outubro e novembro de 1936; janeiro de 1937.

Pertence esta forma do Juruá ao grupo dos grandes ciúridas neatrópicos do gênero *Hadrosciurus*. (1)

(1) Ellerman, 1940, The Families and Genera of Living Rodents, vol. I, pg. 344, considera *Hadrosciurus* como subgenero de *Sciurus*.

SciELO

Difere da típica *Hadrosciurus pyrrhonotus pyrrhonotus* (Wagner), da qual temos grande número de exemplares caçados por Olalla no Lago Batista, estado do Amazonas, em ter a cabeça e o dorso grisalho escuro em vez de fulvo; orelhas mais escuras; base da cauda muito menos preta.

O colorido é extremamente variavel como se pode observar nestes 26 exemplares. Nalguns, a cor do dorso é bem pouco grisalha, sendo muito mais fulva, cor essa que se estende à garganta e às partes ventrais que se apresentam pardacentas, em vez de brancas.

Outros, como os de números 4760 ♂ e 5003 ♀ são incompletamente melânicos, apresentando-se inteiramente escuros, com pêlos cinzentos, mesclados de castanho; o de número 5014 ♂ é inteiramente preto ao longo do dorso e tem cauda tambem toda preta; o de número 4838 ♀, de Igarapé Grande, é totalmente melânico, preto luzidio, inclusive nas partes inferiores.

Microsciurus manarius Thomas

Nome local: "Coatipurú bigodeiro"

Microsciurus manarius Thomas, 1920, Annals and Magazine of Natural History, serie 9, n.º 6, pg. 275. Localidade típica: Acajatuba, rio Negro, Amazonas.

Sciurus peruanus H. von Ihering, 1904, Revista do Museu Paulista, vol. VI, pg. 420 (Rio Juruá).

Microsciurus manarius Moojen, 1942, Boletim do Museu Nacional, n.º 1, pg 4 (Igarapé Grande e João Pessoa, Rio Juruá).

1 ♀ de João Pessoa, Rio Juruá; dezembro de 1936.

Dos pequenos coatipurus amazônicos figuram na lista de Ihering duas formas: *Sciurus irroratus* Gray e *Sciurus peruanus* (Allen).

A primeira, hoje considerada apenas subespécie de *Leptosciurus ignitus* Gray e da qual Olalla não conseguiu representante, é bem menor que a segunda e de colorido uniformemente pardo-ocráceo.

A segunda, identificada por Ihering como *Sciurus peruanus* (Allen), é de colorido pardo oliváceo nas partes superiores e pardacento nas inferiores, sendo um dos menores ciúridas neo-trópicos, pois seu maior tamanho é de 280 mm, dos quais 140 pertencem à cauda.

SciELO

ARTIODACTYLA

Família TAYASSUIDAE

Tayassu pecari Fischer

Nome local: "Queixada"

Tayassu pecari Fischer, 1814, Zoognosia, III, pg. 285. Localidade típica: "América do Sul".

Tajaçu labiatus Miranda Ribeiro, 1914, Comissão de Linhas Telegráficas e Estratégicas Mato Grosso ao Amazonas, anexo 5, Zoologia, pg. 31 (Rio Taquarí, Mato Grosso).

1 ♂ e 1 ♀ de Santa Cruz, rio Eirú; 1 ♂ de Igarapé Grande, rio Juruá, novembro de 1936 e janeiro de 1937.

Os ungulados estão representados na coleção de Garbe somente por uma espécie de veado, que Ihering incluiu em sua lista sob a denominação de *Mazama nemorivaga* (Cuvier) = *Mazama rondoni* Miranda Ribeiro.

Na coleção Olalla figuram apenas dois ungulados: *Tayassu tajacu* (Linnaeus) e *Tayassu pecari* Fischer.

Este é maior e bem caracterizado pela côr branco- amarelada dos lábios e parte do focinho.

Apresentam estes três exemplares adultos notaveis diferenças dos exemplares provenientes de várias regiões do Brasil Meridional, por nós examinados: tamanho pouco maior, coloração preta mais intensa, e crânios, alem de mais robustos, com dentes maiores, principalmente os caninos.

Somente um destes exemplares, o de n.º 5593 ♂, é acompanhado de seu respectivo crânio, cujas medidas são as seguintes: comprimento total do corpo 1145 mm; cauda 20; pé 230; comprimento total do crânio 285; comprimento côndilo basal 250; maior largura da caixa craniana 115; largura zigomática 120.

Outros exemplares obtidos por Olalla em Caxiricatuba, estado do Pará, apresentam mais ou menos as mesmas dimensões e os mesmos caracteristicos.

Tayassu tajacu (Linnaeus)

Nome local: "Caetitú"

Sus tajacu Linnaeus, 1758, Systema Naturae, 10.ª edição, pg. 50. Localidade típica: "Brasil".

Tajaçu tajaçu Miranda Ribeiro, 1914, Comissão de Linhas Telegráficas e Estratégicas Mato Grosso ao Amazonas, anexo 5, Zoologia, pg. 31 (rio Jaurú, Mato Grosso).

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 0 11 12 13 14 15 16

2 ♂ ♂ e 1 ♀ de Santa Cruz, rio Eirú; novembro de 1936.

Bem menor que a espécie precedente, caracteriza-se pelo colar esbranquiçado que lhe rodeia todo o pescoço, subindo do peito para as costas.

Estes três exemplares não apresentam diferenças apreciaveis dos exemplares que possui o Departamento de Zoologia, provenientes de várias localidades do Estado de São Paulo e Mato Grosso.

Suas dimensões externas e cranianas são as seguintes: n.º 5336 ♀, cabeça e corpo 915; cauda 20; pé 138; comprimento total do crânio 242; comprimento côndilo basal 202; maior largura da caixa craniana 76; largura zigomática 110; série molar superior 68; n.º 5537 ♂, cabeça e corpo 930; cauda 20; pé 205; comprimento total do crânio 230; comprimento côndilo basal 205; largura da caixa craniana 80; largura zigomática 107; serie molar superior 64; n.º 5341 ♂, cabeça e corpo 930; cauda 20; pé 205; comprimento total do crânio 252; comprimento côndilo basal 210; largura da caixa craniana 80; largura zigomática 115; serie molar superior 70.

CETÁCEOS

Família INIIDAE

Inia geoffroyensis Blainville

Nome local: "Boto"

Inia geoffroyensis Blainville, 1817, Nouveau Dictionnaire d'Histoire Naturelle, IX, pg. 151. Localidade típica: "America do Sul".

2 crânios do alto rio Juruá, sem sexo determinado.

Garbe teve no Juruá ocasião de observar muitas vezes botos; mas não conseguiu exemplar algum, pois, segundo ele, os moradores da região negavam-se a caça-los, alegando motivos de superstição. Não obstante, foram eles referidos por Ihering no gênero *Inia*.

Na coleção Olalla figuram três crânios de cétaceos, sendo dois de *Inia geoffroyensis* procedentes do Juruá e um de *Steno tucuxi* (Gray) de procedencia ignorada.

Este último é bem menor, pois atinge no máximo 1m,5, ao mesmo tempo que tem o focinho muito mais curto e menor número de dentes.

Inia geoffroyensis apresenta o corpo completamente desnudo; focinho comprido, quase cilíndrico e de ponta obtusa, recoberta de rijos e curtos pêlos.

SciELO

Corpo completamente desnudo; coloração cinzenta, bastante variavel nas partes superiores e esbranquiçada nas inferiores.

Chega a atingir 3 metros e possui um total de 132 a 136 dentes.

O crânio de n.º 4213 tem um total de 107 dentes, 52 no maxilar superior e 55 no inferior, e apresenta as seguintes dimensões: comprimento total 480 mm; maior largura da caixa craniana 125; largura zigomática 204; comprimento da mandíbula 400.

O de n.º 4214 tem um total de 109 dentes, 54 no maxilar superior e 55 no inferior e as seguintes dimensões: comprimento total 510 mm; maior largura da caixa craniana 130; largura zigomática 220; comprimento da mandíbula 440.

SIRÊNIOS

Família TRICHECHIDAE

Trichechus inunguis (Natterer)

Nome local: "Peixe boi"

Manatus inunguis Natterer in Pelzeln, 1883, Brasilische Säugethiere, pg. 89. Localidade típica: Borba, rio Madeira, Amazonas.

Manatus inunguis H. von Ihering, 1904, Revista do Museu Paulista, vol. VI, pg. 423 (rio Juruá); idem, Goeldi & Hagmann, 1904, Boletim do Museu Goeldi, vol. IV, pg. 89 (rio Purús, ilha de Marajó, Iquitos).

Trichechus inunguis Hatt, 1934, Bulletin of American Museum of Natural History, vol. LXVI, pg. 538.

2 crânios de exemplares jovens do alto Juruá, sem data ou sexo nos rotulos.

O gênero *Trichechus* (1) compreende apenas duas espécies na América e na Africa: *Trichechus manatus* Linnaeus, com três subespécies, e *Trichechus inunguis* (Natterer), hoje confinada aos grandes rios e lagos das bácias do Orenoco e Amazonas.

Trichechus manatus manatus Linnaeus é própria das Antilhas, de onde desce até as costas do nordeste da América do Sul, chegando até o estado do Pará.

As duas outras subespécies são: *T. manatus latirostris* (Harlan) ,da América do Norte e *T. manatus senegalensis* Link, da Africa Ocidental.

---

(1) *Trichechus* Linnaeus, 1758, Systema Naturae, 10.ª edição, I, pg. 34; típo, por monotipia, *Trichechus manatus* Linnaeus. Localidade típica, por subsequente designação de Thomas, 1911, Proceed. Zool. Soc. London, pg. 131 "West Indias".

Conforme a Opinião 112 da Comissão Internacional de Nomenclatura Zoologica, é colocado na lista oficial de nomes genéricos.

A suspensão das regras a favor de *Manatus* Brunnich, 1772, foi recusada pela Comissão Internacional, conforme Opinião 112.

SciELO

Trichechus inunguis, do qual Garbe obteve no Juruá o belo exemplar que ainda hoje figura na coleção exposta do Departamento de Zoologia de São Paulo, difere da primeira espécie em ter a cabeça maior e mais estreita, ausência absoluta de unhas nos membros e 14 pares de costelas.

Atinge até três metros de comprimento e é de coloração negro azulada, com uma grande mancha esbranquiçada no peito.

As medidas cranianas são as seguintes: n.º 6580 juv., comprimento total 310; comprimento côndilo basal 305; largura da caixa craniana 151; largura zigomática 167; comprimento da mandibula 212; série dos molares superiores 75; n.º 6581 juv., comprimento total 308; comprimento côndilo basal 303; largura da caixa craniana 150; largura zigomática 165; comprimento da mandibula 212; série dos molares superiores 74.

XENARTROS

Família BRADYPODIDAE

Choloepus juruanus Lönnberg

Nome local: "Preguiça real"

Choloepus didactylus H. von Ihering, 1904, Revista do Museu Paulista, vol. VI, pg. 425 (rio Juruá).

Choloepus juruanus Lönnberg, 1943, Arkiv för Zoologi, band 34A, n.º 9, pg. 29 (Santo Antônio, rio Juruá).

1 ♂ de Igarapé Grande; 1 ♀ de João Pessoa e 2 ♀ ♀ de Santa Cruz, rio Juruá; outubro e novembro de 1936.

Ihering identificou o único exemplar de preguiça real obtido por Garbe como *Choloepus didactylus* (Linnaeus), mas suspeitou tratar-se de forma diferente, dizendo textualmente:

"Como este exemplar é o primeiro, ao que me conste, encontrado ao sul do Amazonas, talvez se trate de uma subespécie nova, ocorrendo a forma típica ao norte do Amazonas até a Guiana e a Colombia".

Lönnberg, em 1942, estudando os xenartros da coleção Olalla e baseado num único exemplar de ♂ adulto de Santo Antônio, descreveu a nova espécie *Choloepus juruanus* Lönnberg.

Distingue-se da primeira em ser de colorido geral pardo-ocráceo, em vez de cinza esbranquiçado, e ter o crânio com bulas timpânicas muito menores.

Esse colorido ocráceo é muito mais forte nos flancos, faces e membros; alto da cabeça, nuca e dorso, pardo-esbranquiçado; olhos circundados por mancha anular muito escura.

O colorido destes cinco exemplares não é uniforme: o de n.º 5446 ♂, de Igarapé Grande, é quase totalmente ocráceo, por to-

do o corpo, com exceção da cabeça, que é pardo-esbranquiçada; o de n.º 5462 ♀, de João Pessoa, apresenta-se com colorido dorsal mesclado de pardo ocráceo, com manchas amareladas; o de n.º 5447 ♀ de Santa Cruz, tem a cor ocrácea somente nos flancos e nos membros.

As medidas dadas pelo colecionador são as seguintes: n.º 5447 ♂, comprimento total 640; pé 145; comprimento total do crânio 118; comprimento do côndilo basal 110; largura zigomática 75; largura interorbital 38; série dentária superior 23; n.º 5461 ♀, comprimento total 580; pé 135; comprimento total do crânio 105; comprimento côndilo basal 103; largura zigomática 71; largura interorbital 38; série dentária superior 23.

Bradypus infuscatus Wagler

Nome local: "Preguiça de bentinho"

Bradypus infuscatus Wagler, 1831, Isis, n.º 6, pg. 610. Localidade típica: Amazonas, perto da fronteira do Perú.

Bradypus infuscatus H. von Ihering, 1904, Revista do Museu Paulista, vol. VI, pg. 424 (Rio Juruá).

1 ♂ de Santa Cruz, Rio Eirú, afluente do Juruá, novembro de 1936.

Lönnberg (1), tratando das preguiças da coleção Olalla, considerou as provenientes do Lago Batista (baixo Madeira) como a forma típica de *Bradypus marmoratus* Gray, separando as de Codajaz (rio Solimões) numa nova subespécie, por ele denominada *Bradypus marmoratus codajazensis*.

Três exemplares de preguiça procedentes de Lago Grande e João Pessoa, foram identificados por ele como *Bradypus infuscatus* Wagler, o que concorda com a determinação de Ihering, que teve em mãos seis exemplares coletados por Garbe.

Este único exemplar de Santa Cruz, ♂ adulto, tem colorido geral cinza claro com estria longitudinal esbranquiçada, de largura variavel, ao longo do dorso, no começo do qual, sobre a região lombar, ha um "speculum" alaranjado claro, com forte mancha preta de azeviche no centro, muito maior que o de *Bradypus marmoratus*.

Cabeça cinza palido; fronte e faces brancas; olhos circundados por mancha pardacenta.

As medidas do colecionador são: comprimento total 630; pé 120; medidas do crânio: comprimento total 80; comprimento côndilo basilar 75; largura zigomática 51; largura interorbital 27; série dentária superior 27.

(1) Lönnberg, 1943, Arkiv för Zoologi, band 34, n.º 9, pg. 13.

SciELO

Família MYRMECOPHAGIDAE

Tamandua tetradactyla longicaudata (Wagner)

Myrmecophaga longicaudata Wagner, 1844, Schreber's Säugethiere, Supplem. IV, pg. 211. Localidade típica: "Norte da América do Sul".

Tamandua tetradactyla H. von Ihering, 1904, Revista do Museu Paulista, vol. VI, pg. 425 (rio Juruá); idem, Lönnberg, 1942, Arkiv för Zoologi, band 34A, n.º 9, pg. 32 (Santo Antônio, João Pessoa, rio Juruá).

2 ♂♂ e 3 ♀♀ de Santa Cruz, rio Eirú; outubro de 1936; 2 ♀♀ de João Pessoa, rio Juruá, novembro de 1936; 1 ♀ de Igarapé Grande, rio Juruá, janeiro de 1937.

Os pequenos tamanduás da América do Sul do gênero *Tamandua*, ainda são pouco conhecidos, resultando daí certo desacordo entre os modernos autores no tocante à validez de várias espécies.

Ihering, em sua lista de mamíferos do Juruá, cita apenas um exemplar de *Tamandua tetradactyla* (Linnaeus), sem qualquer comentário.

Este exemplar apresenta coloração geral amarelo-palha, com espáduas e dorso escuros, mesclados de pêlos amarelos; ao longo do dorso corre uma estreita listra irregular amarela; a cauda até a porção terminal escamosa é tambem inteiramente amarela.

A coloração do típico *Tamandua tetradactyla*, cuja localidade típica é a Guiana (1) e da qual possuimos numerosos exemplares procedentes de Cametá, Pará, difere em ter as espaduas riscadas por duas listras muito regulares intensamente pretas, prolongadas até o meio das costas, que é da mesma cor e não apresenta pêlos amarelos mesclados.

Esse colorido é, entretanto, bastante variavel, não sendo raro exemplares semialbinos e mesmo inteiramente melânicos, o que ocasionou a descrição de varias supostas espécies, tais como *Myrmecophaga nigra* Geoffroy. (2)

Goeldi (3) observou grandes variações na largura e extensão da fita escapular preta em grande número de exemplares, quase todos do Pará, e tambem refere um exemplar preto procedente do rio Maracá, na Guiana brasileira.

Lönnberg (4) em 1942, tratando dos tamanduás obtidos por Olalla no rio Juruá, observa que exemplares inteiramente amarelos ou inteiramente pretos teem sido encontrados nas mesmas locali-

(1) Conforme Tate, 1939, Mammals of the Guiana Region. Bull. Amer. Museum Nat. History, vol. LXXVI, pg. 171.
(2) Cf. Menégaux, 1902, Bulletin du Museum de Paris, pg. 494.
(3) Boletim do Museu Goeldi, 1904, vol. IV, pg. 97.
(4) Arkiv för Zoologi, band 34A, n.º 9, pg. 43.

SciELO

dades, o que parece indicar, segundo ele, unicamente fases individuais de colorido.

A descrição do colorido de *Myrmecophaga longicaudata* de Wagner (1), baseada num exemplar do norte da América do Sul, concorda plenamente com o destes tamanduás do Juruá.

Os caracteres referidos por Wagner, tais como grande comprimento da cauda e das orelhas, não podem ser tomados em consideração, pois são muito variaveis, mesmo em exemplares da mesma localidade.

As exíguas diferenças cranianas, que foram exaustivamente estudadas por Lönnberg (2), não permitem separação específica, motivo pelo qual o *Tamandua longicaudata* de Wagner deve ser considerado apenas subespécie de *Tamandua tetradactyla* (Linnaeus).

Thomas, em 1927, (3) descreveu como nova espécie *Tamandua quichua*, baseando-se num exemplar preto proveniente do norte do Perú.

Sua descrição é porem insuficiente, de modo que, como observa Lönnberg (4), apezar da localidade típica ser relativamente próxima do alto Juruá, não é possivel identificar-se estes tamanduás amarelados e pretos da coleção Olalla com essa nova espécie.

Dadas suas analogias com a descrição de Wagner, preferimos considera-los inseparáveis de *Tamandua longicaudata*, até que, com melhor e mais abundante material, possa ser esclarecida sua separação em nova forma.

MARSUPIAIS

Família DIDELPHIIDAE

Caluromys laniger ochropus (Wagner)

Nome local: "Mucura xexéca"

Didelphis ochropus Wagner, 1842, Archiv fur Naturgeschichte, pg. 359. Localidade típica: Barra do rio Negro, Amazonas.

Mallodelphis laniger ochropus Miranda Ribeiro, 1936, Revista do Museu Paulista, tomo XX, pg. 455.

Caluromys laniger ochropus Tate, 1939, Bull. Amer. Museum Natural History, vol. LXXVI, pg. 163 (Guiana Ingleza).

1 ♂ de Santa Cruz, rio Eirú e 1 ♀ de Igarapé Grande, rio Juruá, novembro de 1936 e janeiro de 1937.

Original cuica, de tamanho médio, pelagem fina e lanosa,

(1) Wagner, 1844, Schreber's Saugethiere Supplem., IV, pg. 211.
(2) Arkiv för Zoologi, band 34A, n.º 9, pg. 43.
(3) Annals and Magazine of Natural History, serie 9, vol. 19, pg. 371.
(4) Arkiv för Zoologi, band 34A, n.º 9, pg. 43.

SciELO

mais abundante no dorso e na base da cauda. Esta é bem mais longa que a cabeça e o corpo, e inteirmente nua em quase toda metade terminal, que é salpicada de manchas pretas.

A coloração geral não é uniformemente avermelhada como em *Caluromys laniger* (Desmarest) do Paraguai, mas pardo-acinzentado, manchado de ferrugíneo no dorso e nos membros anteriores. Alto da cabeça ferrugíneo; fronte e bochechas, cinza claro; meio da testa ornado de uma lista longitudinal escura, que vai da nuca à ponta do focinho; ao redor dos olhos, mancha parda muito clara; longas vibrissas pretas no focinho.

Partes inferiores branco-amareladas, mescladas de cinzento.

O exemplar n.º 4532 ♂ difere do n.º 4753 ♀ em ter a coloração muito mais pardacenta ao longo do dorso, cauda e membros anteriores.

Suas medidas são: comprimento total 700; cauda 435; pé 50; crânio: comprimento total 65; comprimento côndilo basal 62; largura zigomática 37; maior largura da caixa craniana 22; comprimento da mandíbula 45; série molar superior 17.

BIBLIOGRAFIA

HUMBOLDT, 1812, "Recueil d'Observations de Zoologie et d'Anatomie Comparée".

SPIX, 1823, "Simiarum et Vespertilionum Brasiliensium Species Novae".

WIED-NEUWIED, 1826, "Beiträge zur Naturgeschichte von Brasilien", II. Mammalia.

PELZELN, 1883, "Brasilische Säugethiere".

GOELDI, 1893, "Os Mamíferos do Brasil".

MEERWARTH, 1898, "Os Símios do Novo Mundo" — Boletim do Museu Goeldi, tomo II, pg. 121.

O. THOMAS, 1903, "On the Mammals collected by Mr. Robert at Chapada" — Proceedings Zoological Society of London, vol. I, pg. 236.

H. IHERING, 1904, "O rio Juruá" — Revista do Museu Paulista, vol. VI, pg. 385.

STUDER, 1904, "Exame do material de Canideos colecionados na região amazônica pelo Museu Goeldi" — Boletim do Museu Goeldi, tomo IV, pg. 107.

HAGMANN e GOELDI, 1904, "Prodromo de um Catalogo critico da coleção de Mamiferos do Museu Goeldi" — Boletim do Museu Goeldi, vol. IV, pg. 107.

H. IHERING, 1911, "Os Mamíferos do Brasil Meriidonal" — Revista do Museu Paulista, vol. VIII, pg. 147.

LÖNNBERG, 1914, "Mammals from Ecuador" — Arkiv för Zoologi, band 8, n.º 16, pg. 52.

M. RIBEIRO, 1914, Comissão de Linhas Telegráficas e Estratégicas Mato-Grosso ao Amazonas,anexo 5, Zoologia.

J. A. ALLEN, 1916, "Mammals collected on the Roosevelt Brazilian Expedition" — Bulletin American Museum of Natural History, vol. XXXV, pg. 559.

POHLE, 1919, "Die Unterfamilie Lutrinae" — Archiv for Naturgeschichte; abt. A, haft 9, pg. 1.

O. THOMAS, 1926, "On some Mammals from the Middle Amazonas" — Annals and Magazine of Natural History, serie 9, vol. 17, pg. 635.

OLIVÉRIO PINTO, 1931, "Ensaio sobre a fauna de Sciurideos do Brasil" — Revista do Museu Paulista, tomo VII (parte I), pg. 265.

TATE, 1934, "The Taxonomy of the Genera of Neotropical Rodents" — Bulletin American Museum of Natural History, vol. 68, pg. 295.

MIRANDA RIBEIRO, 1936, "Didelfia ou Marsupialia ovo-vivipara" — Revista do Museu Paulista, tomo XX, pg. 245.

ALFONSO M. OLALLA, 1938, "Un viaje a pesquizas zoologicas hacia el rio Juruá" — Revista do Museu Paulista, tomo XXIII, pg. 233.

LÖNNBERG, 1938, "Remarks on some members of the genus *Pithecia* and Cacajao" — Arkiv för Zoologi, band 30A, n.º 18, pg. 1-5.

LÖNNBERG, 1939, "Notes on members of the Genus *Cebus*" — Arkiv för Zoologi, band 31A, n.º 23, pg. 1-24.

TATE, 1939, "The Mammals of the Guiana Region" — Bulletin of American Museum of Natural History, vol. LXXVI, pg. 156.

CABRERA, 1940, "Notas sobre carnivoros sud-americanos" — Notas del Museu de La Plata, tomo V, Zoologia, n.º 29.

CABRERA e YEPES, 1940, "Mamíferos sud-americanos" — Historia Natural Ediar.

ELLERMAN, 1940, "The Families and Genra of Living Rodents".

MOOJEN, 1942, "Sobre ciurideos das coleções do Museu Nacional, do Departamento de Zoologia de São Paulo e do Museu Paraense" — Boletim do Museu Nacional, Zoologia, nova série, vol. 1.

ELÁDIO LIMA, 1944, "Mamíferos da Amazônia", vol. I, Primatas.

KELLOG e GOLDMANN, 1944, "Review of the Spiders Monkeys" — Proced. United States National Museum, vol. 96, n.º 3186, pg. 1.